

VIII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología
XXIII Jornadas de Investigación XII Encuentro de Investigadores en Psicología
del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos
Aires, 2016.

Pesquisando com o método psicanalítico.

Pena Pereira Torres, Eneida y Pereira Dos Reis,
Mariana.

Cita:

Pena Pereira Torres, Eneida y Pereira Dos Reis, Mariana (2016).
*Pesquisando com o método psicanalítico. VIII Congreso Internacional de
Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXIII Jornadas de
Investigación XII Encuentro de Investigadores en Psicología del
MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires,
Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-044/811>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eATh/WRt>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso
abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su
producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite:
<https://www.aacademica.org>.*

PESQUISANDO COM O MÉTODO PSICANALÍTICO

Pena Pereira Torres, Eneida; Pereira Dos Reis, Mariana

CAPES - Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior. Brasil

RESUMEN

O avanço teórico e científico da psicanálise, constituído de seu método, está atrelado à pesquisa levando em conta a epistemologia teórica que lhe dá sustentação, confirmando que pesquisa existe em todas as ciências e não há duas que a façam igual. Diante desses pressupostos, o presente estudo se propõe a tecer algumas considerações sobre a pesquisa psicanalítica fora do contexto da clínica priorizando a apresentação da clínica extensa em que o pesquisador analisa os processos inconscientes em outros domínios da atividade humana.

Palabras clave

Psicanálise, Pesquisa, Método, Teoria dos Campos

ABSTRACT

RESEARCHING WITH THE PSYCHOANALYTIC METHOD

The theoretical and scientific advancement of psychoanalysis, consisting of his method, is linked to the research taking into account the theoretical epistemology that supports it, confirming that research exists in all science and no two that do the same. Given these assumptions, this study aims to make a few observations about the psychoanalytic research outside the clinical context of prioritizing the presentation of extensive clinical in which the researcher analyzes the unconscious processes in other domains of human activity.

Key words

Psychoanalysis, Research, Method, Field Theory

A pesquisa científica está presente em todos os currículos das universidades revelando, assim, sua importância no meio ambiente acadêmico. A partir da experiência de pesquisas em psicanálise é possível se deparar com algumas questões referentes ao uso do método psicanalítico, assim como o lugar do pesquisador nesta área. Herrmann (2004, p.61) diz que:

Por definição, a pesquisa existe em todas as ciências. Porém, não duas que a façam igual; se houvesse, seriam a mesma ciência. Por definição. A ciência da psique, a Psicanálise, irmã das ciências do espírito, prima das ciências humanas, contraparente da medicina, ocupa-se em investigar o sentido humano, nas pessoas – nos pacientes em particular –, nos grupos e organizações dos homens, na sociedade e em suas produções culturais.

A psicanálise foi considerada por Freud (1985a) como ciência e investigação abrangendo três sentidos: um método de investigação, uma modalidade de tratamento e uma teoria. Freud destacou o método de investigação, sem o qual tratamento e teoria não encontrariam sustentação. Ele é o sentido mais abrangente e importante para a produção do saber psicanalítico. Desta maneira, o processo psicanalítico tem a condição ideal para a investigação e formulações científicas de coesão interna, comunicabilidade, verificabilidade e cumulatividade, segundo LOWENKRON (2004).

O método psicanalítico apresenta a observação, a investigação e

a interpretação como características intrinsecamente relacionadas, segundo Kobori (2013), na medida em que a observação minuciosa possui como objetivo a investigação do fenômeno, a busca pelo sentido oculto, inconsciente, que revela a mensagem do sintoma ou a estrutura psíquica do sujeito, fundando a interpretação como característica essencial à psicanálise.

Ainda para Freud (1985a), psicanálise não é, como nas filosofias, um sistema que parte de alguns conceitos definidos, procurando compreender todo o universo com o auxílio deles. Ao contrário, a psicanálise pretende se ater aos fatos de seu campo de estudo, procurando resolver os problemas imediatos da observação, estando sempre pronta a rever-se e a modificar suas teorias. Em outras palavras, a base da pesquisa psicanalítica é a metapsicologia freudiana que é uma associação entre os elementos da teoria psicanalítica e as experiências vividas na clínica, no entanto, esta sofre rearranjos, correções e adaptações a partir da experiência e de seu método interpretativo.

Kobori (2013) esclarece que Freud fez uso do método psicanalítico além da clínica para analisar obras de arte, a cultura, a sociedade, não se detendo ao termo de forma conceitual e revelando a utilização da psicanálise aplicada em todo o seu trabalho. Algumas produções escritas de Freud são análises realizadas por meio do método psicanalítico fora do contexto clínico. Ao publicar “A interpretação dos Sonhos” Freud dá início à psicanálise como ciência, pois é possível verificar a validação do método terapêutico e do entendimento da psique humana. O texto “Delírios e sonhos na Grávida de Jensen” dá início à psicanálise aplicada aos diversos campos além da clínica, segundo Kobori (2013), por não se tratar de uma metáfora para explicar outro tema, mas é uma análise minuciosa do romance.

Quanto à contribuição da psicanálise ao estudo do campo social e político, por exemplo, não lhe cabe esgotar as análises sobre o fenômeno, mas sim incidir sobre a dimensão inconsciente presente nas práticas sociais (ROSA & DOMINGUES, 2010).

O método psicanalítico de pesquisa, diferentemente dos métodos qualitativos e quantitativos, tem trazido discussões diversas sobre sua cientificidade desde a época que Freud publicou “A Interpretação dos Sonhos”. A discussão sobre métodos de pesquisa não é o objetivo deste trabalho, ainda que os métodos de pesquisa devem se referir à perspectiva epistemológica e teórica que lhe dá sustentação, segundo Rosa e Domingues (2010). O método faz parte da pesquisa e, ainda segundo as autoras mencionadas, é sempre um caminho provisório para entender uma determinada questão.

Segundo Iribarry (2003), ao realizar suas investigações, o pesquisador pretende ir além de validar suas aplicações empíricas, sua meta é problematizar um aspecto do campo psicanalítico e oferecer uma contribuição que não seja limitada pela confirmação da teoria. O autor esclarece que as etapas metodológicas ficam a critério e criatividade do pesquisador, pois o método de pesquisa psicanalítica não apresenta peculiaridades quanto à escolha dos participantes, coleta de dados, materiais e instrumentos empregados.

O mais importante é que o pesquisador transforme sempre seu dado em texto que identifica e realça marcas no discurso, posições,

efeitos de sentido e, em seguida, parte para os procedimentos de análise de dados encaminhando-se para a produção do ensaio metapsicológico (IRIBARRY, 2013).

Oliveira e Tafuri (2012) diferenciam a pesquisa em psicanálise das demais em dois pontos: primeiro porque não envolve em seus objetivos uma inferência generalizadora de seus resultados para uma amostra ou uma população, e segundo pela constatação que sua estratégia de análise do material clínico é sobre os significantes e não os signos. O trabalho das referidas autoras esclarece que o objeto da pesquisa psicanalítica é o inconsciente e este nunca se deixa conhecer de fato, demarcando esta, talvez, como a maior dificuldade para a academia quanto à psicanálise.

Os trabalhos que fazem uso do método psicanalítico de pesquisa não utilizam a metodologia tradicional, caracterizada, segundo Safra (2001), “pela dicotomia sujeito-objeto, controle de variáveis, não os torna menos rigorosos (...); o rigor é dado, principalmente, pela fidelidade aos princípios que norteiam a prática da investigação psicanalítica.”

No texto “Análise terminável e Interminável” de Freud (1996b), o método psicanalítico é posicionado como um procedimento processual investigativo e não como um objetivo determinado ou de algo a ser concluído. Segundo Safra (2001), a contínua abertura para o devir trata-se de uma característica do processo psicanalítico relacionada às peculiaridades da subjetividade humana.

De acordo com Figueiredo e Minerbo (2006), as pesquisas podem ser de duas ordens: pesquisa em psicanálise ou pesquisa em psicanálise com o método psicanalítico. No primeiro caso, há um conjunto de atividades voltadas para a produção de conhecimento que podem manter com a psicanálise relações diversas: ora as teorias psicanalíticas são objeto de estudo, ora de reflexões epistemológicas; outras vezes, conceitos psicanalíticos são mobilizados como instrumento para investigação e compreensão de fenômenos sociais e subjetivos. No segundo caso, embora os temas e alcances da pesquisa possam ser bem amplos, é indispensável a presença do psicanalista, em atividade analítica, como pesquisador e, portanto, há a presença da dimensão clínica da pesquisa.

Herrmann (2004) apresenta três gêneros de pesquisa em psicanálise: a investigação clínica, o comentário teórico e a pesquisa empírica. Os adeptos do primeiro gênero reivindicam tal pesquisa como sendo a mais autêntica, pois decorre do contato direto como o fenômeno vivo. Os defensores do comentário teórico, demonstram sua erudição retomando a obra freudiana e recriando sua teoria. Por fim, os que defendem a pesquisa empírica, afirmam haver falta de rigor ao procedimento clínico e que as demais áreas científicas não o reconheceriam.

Para Herrmann (2001), o que se convencionou chamar de pesquisa empírica em psicanálise nada mais é do que uma busca por um modelo positivista de pesquisa, com verificação objetiva e controle estatístico de resultados, o que chamou, criticamente, de nostalgia da Ciência Natural, sendo este modelo incapaz de dar conta da significância heurística do objeto pesquisado. “No caso da Psicanálise, a disparidade entre os procedimentos de quantificação e a natureza da psique conduz necessariamente a certa arbitrariedade”. (HERRMANN, 2004, p. 50). Ainda sobre a pesquisa empírica, Herrmann (2004, p. 54) diz que “a mesma é aceitável como recurso auxiliar quando desejamos avaliar quantitativamente a incidência de um quadro nosográfico em certa população, como prelúdio ao estudo psicanalítico de seu campo de sentido”.

A pesquisa teórica estrita, ainda segundo Herrmann (2004), apresenta alguns problemas, na medida em que as teorias admitem combinações e variações ilimitadas e somente o método em ação

conseguiria delimitar seu pleno sentido, pois na psicanálise não se trata da dedução de conceitos a partir de outros conceitos, mas da produção de sentidos a partir do método.

O referido autor assinala que é na clínica psicanalítica que se desenvolve a modalidade mais essencial de pesquisa e propõe, ainda, que este método se estenda a outras produções de sentido humano envolvendo também os grupos e as organizações humanas, a sociedade e suas produções culturais, compreende-se aqui o conceito de *clínica extensa*. Assim, para o autor, o relato de uma sessão ou mesmo de uma análise, ou melhor, como foi feito o trabalho clínico, pode ser objeto de uma investigação psicanalítica, podendo gerar um trabalho acadêmico. Esse mesmo método psicanalítico pode ser estendido ao sentido psíquico do mundo, gerando também trabalhos científicos. No entanto, alguns obstáculos históricos ou metodológicos dificultaram a conversão da experiência clínica em pesquisa. “Clínica e pesquisa estão separadas pelas técnicas respectivas, mas unidas pelo método (HERRMANN, 2004, p. 60).

Koburi (2013) diz que a análise clínica e a análise da cultura somente se dão por meio do método psicanalítico. A aplicação do método psicanalítico fora do contexto clínico ou fora da clínica tradicional foi nomeada por Freud como sendo a psicanálise aplicada, conhecida como, psicanálise extramuros, por Laplanche; psicanálise em extensão, por Lacan e *clínica extensa*, por Fábio Herrmann.

A metodologia de investigação ou psicanálise aplicada oferece novas ideias, hipóteses, facilita o estudo de fenômenos raros e permite conhecer processos sociais em seus contextos. Como metodologia, visa o estudo em profundidade de uma realidade específica. A psicanálise aplicada favorece a diferença entre clínica e pesquisa. A pesquisa clínica em psicanálise é confundida, em geral, com o trabalho na clínica. Vale explicar que atender pacientes não significa fazer pesquisa e, de fato, não é possível fazer as duas simultaneamente. Formulações teóricas só podem ser feitas em outro momento que não o da escuta analítica.

O conceito de psicanálise aplicada foi denominado por Laplanche, visando a conotação de ciência, teoria e métodos apenas abstraídos e transferidos para fora do consultório (KOBURI, 2013), como psicanálise extramuros por ser aplicada aos fenômenos sociais.

O avanço na aplicabilidade dos fundamentos da psicanálise a outros campos do saber se deve a Lacan ao postular o conceito de psicanálise em extensão, como uma abordagem que envolve uma prática psicanalítica que aborda o sujeito envolvido nos fenômenos sociais e políticos, não restrito a situação de campo psicanalítico. A psicanálise em extensão se realiza quando o psicanalista, segundo Couto et al (2014), pode ser convocado a lugares, como hospitais, escolas, tribunais de justiça, organizações governamentais e não-governamentais, entre outros, ocorrendo em um período de tempo menos extenso.

A psicanálise em extensão diz respeito à conexão da psicanálise com outros campos do saber; implica no diálogo com outros campos de saber científico e da produção das artes e literatura, também oferece a experiência de sua prática a outros espaços de trabalho. Esta maneira de ver a psicanálise são todas as formas presentes da psicanálise na mídia, nos livros, na universidade, nas pesquisas em psicanálise.

O trabalho de resgate do método psicanalítico, como o método em ação, através da Teoria dos Campos, nasce de uma crítica de Fábio Herrmann à crise diagnosticada na Psicanálise numa tentativa de recuperar o método psicanalítico para o uso amplo que sua vocação de ciência da psique humana prevê. Leda Herrmann (2009) esclarece o que é método:

Método é tomado na Teoria dos Campos na sua etimologia, isto é,

um caminho (do grego *hodós*) para um fim (do grego *meta*). Propõe a volta ao método como o caminho da retomada da exploração da psique — do sentido humano — em direção à formulação de novos conhecimentos. Essa volta passa pelo coração da clínica, passa pela interpretação, lá onde o método ficou guardado, mas também onde se perdeu em esquecimento

A Teoria dos Campos é uma forma de pensar o homem no seu mundo e faz uso do método psicanalítico que é o mesmo que método interpretativo. A Teoria trabalha com uma generalização do conceito de inconsciente e considera que qualquer relação é determinada por regras que não são expressas nem sequer pensáveis e as nomeia como sendo regras inconscientes. As regras formam o campo das relações e constituem seu inconsciente relativo e Herrmann (2004, p. 124) explica o uso do termo relativo porque este é pertinente às relações que determina e nas quais se descobriu. Barone (2014, p.154) diz:

É por isso que o autor afirma que o inconsciente não *existe*, mas *há*; ou melhor dizendo, *passa a ter havido* quando o ponho à mostra por meio da interpretação psicanalítica — *aruptura de campo*. Todas as manifestações observáveis do inconsciente — os atos falhos, os sonhos, os sintomas — atestam sua *lógica de concepção*, que ignora ou contraria a razão comum; mas a representação que encarna suas regras, em cada caso, é sempre produto de uma psicanálise — da interpretação como *ruptura de campo* — e ele (o inconsciente) passa a ter havido ao ser desvelado pelo método.

O autor da Teoria dos Campos considera que o inconsciente é determinado pela interpretação terapêutica e que cada relação humana comporta níveis de determinação diferentes. O inconsciente relativo é considerado importante para Herrmann porque possibilita transformar o método psicanalítico em pesquisa.

Uma obra literária ou uma obra de arte e, ainda, um acontecimento da vida, cada um destes possui um inconsciente relativo próprio, que vai além da subjetividade pessoal de seu autor e que se manifesta na conduta de cada personagem. Desta feita, tendo o método interpretativo de ruptura de campo, o trabalho de clínica psicanalítica, de pesquisa ou de vida cotidiana pode mostrar sentidos particulares de situações humanas individuais ou sociais.

Na clínica extensa, que compreende a investigação da sociedade e da cultura, Herrmann esclarece que os conceitos psicanalíticos só adquirem pleno sentido quando em movimento e, este movimento, pode se dar na clínica padrão, extensa, literária ou cultural. A aplicação do método interpretativo é possível porque sempre tem uma dimensão de cura, mesmo quando não diz respeito a doença alguma (HERRMANN e LOWENKON, 2004, p.48).

Embora outros pesquisadores falem do uso da psicanálise aplicada ou extramuros, privilegiamos a clínica extensa por sua originalidade, seus conceitos operacionais e, segundo Koburo (2013), por preservar o caráter heurístico em sua construção do conhecimento como um ato puro que não deriva do acordo social, ou seja, privilegia o não saber, a descoberta, onde no resultado surgirá algo novo. Trata-se de ir além da análise convencional de consultório, considera-se a extensão da prática às condições reais do humano. Como método de pesquisa, a psicanálise tem que ter um objeto pronto que é o sentido humano, a tomada de consciência da humanidade como totalidade, capaz de tomar nas mãos seu desenvolvimento e de construir o seu viver.

A pesquisa teórica em Psicanálise, cujo produto é um ensaio ou texto metapsicológico, torna necessário ao pesquisador, segundo Tavares e Hashimoto (2013), a objetividade almejada por meio do conhecimento e entendimento profundo das delimitações conceituais que fazem parte da teoria; também, é necessária atenção às determi-

nações presentes na subjetividade do objeto de pesquisa. Nessa perspectiva o caráter subjetivo se torna a condição de possibilidade para o avanço teórico a ser alcançado e depende da atividade criativa do pesquisador, que seja, um exercício de sensibilidade.

O pesquisador psicanalítico tem o seu trabalho comparado ao trabalho de um autor literário devido o processo criativo necessário e, segundo Iribarry (2003), pode ser comparado mais radicalmente até com a figura do louco, enfatizando que o que distinguiria os dois casos é que na pesquisa à fantasia do pesquisador é atribuído um sentido, ao passo que o delírio carece deste. Torna-se necessário ao pesquisador utilizar a ficção, a imaginação e a fantasia como um processo necessário a subjetivação. A ficção, presente nos trabalhos de Freud em que Ciência e literatura andam juntas, é esclarecida por Herrmann (2002, p.7) ao dizer que:

“A ficção, ao contrário, permite capturar o instante em que a emoção viva mostra sua lógica rigorosa, em que a história se transforma em transferência, em que as duplicações sub-reptícias do sujeito se cristalizam em palavras concentradíssimas de sentidos em vórtice.”

A aproximação da pesquisa psicanalítica do universo da fantasia favorece a compreensão do esforço de objetividade, presente na observação, como parte da pesquisa e que, a partir daí, a prática científica está atrelada à cultura e ao sujeito, pesquisador psicanalítico, com sua complementaridade subjetiva. A criatividade no processo da pesquisa psicanalítica leva o pesquisador a reconhecer-se a admitir-se um autor mediante a feita de um ensaio metapsicológico (TAVARES e HASHIMOTO, 2013).

Como ocorre com as demais disciplinas científicas, a psicanálise necessita da pesquisa para continuar produzindo conhecimento, não está estagnada em fórmulas repetitivas, mas concentra-se na busca de outros saberes que podem ser encontradas através da clínica extensa.

O trabalho científico é o mesmo que se dá na análise: as expectativas pessoais são contidas; no início, é possível observar que as peças parecem não completarem a imagem; as conjecturas são as hipóteses que podem ser confirmadas ou não; a compreensão total depende de muita paciência e renúncia das próprias convicções e, assim, é possível a efetivação deste trabalho e seguir ao próximo que virá.

O modelo de pesquisa deve estar atrelado ao seu objeto de estudo e ao se objetivo. A opção metodológica corresponde a um campo delimitado por suas regras de organização. A opção pelo método psicanalítico propõe uma alternativa ao modelo usual de pesquisa psicológica baseada em protocolos, estatísticas, grupos de controle, entre outros.

Diante das discussões sobre pesquisas empíricas baseadas no método quantitativo, a pesquisa psicanalítica provoca uma ruptura de campo, revelando que há coisas que podem ser quantificadas e outras que precisam da apreensão de sentido, ou seja, não são medidas.

BIBLIOGRAFIA

- Barone, L. M. C. Uma crítica ao conceito de inconsciente a partir da Teoria dos Campos: implicações para a clínica psicanalítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Vol. 48, n. 1, 154- 160.
- Couto, L. F. S.; Bispo, F. S.; Leo, M. B. Perspectivas da direção do tratamento em psicanálise para a clínica-escola de uma faculdade de Psicologia. *Psicologia em Revista*. Belo Horizonte, v. 20, n. 2, 395-417.
- Figueiredo, L. & Minerbo, M. (2006) Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 39(70), 257-278.
- Freud, S. (1985a). Dois Verbetes de enciclopédia. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.18. p.287-312). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1996b). Construções em análise. In Edição standard brasileira, vol. 12. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).
- Herrmann, F. (2001). *Andaimos do Real: O Método da Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 3ª Ed.
- Herrmann, F. (2002). *A infância de Adão e outras ficções freudianas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2004). Pesquisa psicanalítica. In Fabio Hermann e Theodor Lowenkron (orgs), *Pesquisando com o método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2004). *Introdução à Teoria dos Campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2ª edição.
- Herrmann, F. (2006). *Psicanálise, ciência e ficção*. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 39(70): 55-79.
- Herrmann, L. (2009). A questão da Psicanálise em Fabio Herrmann Crise em crise? *Revista Brasileira de Psicanálise* - Volume 43, n. 3.
- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora* V. vi, n. 1. 115-138.
- Kobori, E. T. (2013). Algumas considerações sobre o termo Psicanálise Aplicada e o Método Psicanalítico na análise da Cultura. *Revista de Psicologia da UNESP* 12(2).
- Lowenkron, T. (2004) O objeto da investigação psicanalítica (2004). In Fabio Hermann e Theodor Lowenkron (orgs), *Pesquisando com o método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Oliveira, N. R. de; Tafuri, M. I. (2012). O método psicanalítico de pesquisa e a clínica: reflexões no contexto da Universidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 838-850. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v15n4/07.pdf>>. Acesso em 08 de maio 2016.
- Rosa, M. D. e Domingues, E. (2010). O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*; 22 (1): 180-188. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n1/v22n1a21.pdf>>. Acesso em 10 de maio de 2016.
- Safra, G. (2001). *Investigação em psicanálise na universidade*. *Psicologia USP*, vol.12 nº2. São Paulo, Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642001000200014>. Acesso em 07 de maio de 2016.
- Tavares, L. A. T. e Hashimoto, F. (2013). A pesquisa teórica em psicanálise: das suas condições e possibilidades. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6 (2), 166 – 178.